

PROJETO | MEMÓRIA EM AÇÃO: AS MINHAS MEMÓRIAS, A NOSSA HISTÓRIA



Foto: Museu de Lagos | Dora Alves

ENTREVISTA

ANTÓNIO MANUEL RODRIGUES

CASTANHEIRA nasceu em Penha de França, concelho de Lisboa, em 1956. Concluiu o 6.º ano do Liceu.

Profissionalmente, foi empregado bancário.

Foi co-fundador do G.D.A.L. – Grupo Desportivo Amador de Lagos e tem participado ativamente no movimento associativo da cidade de Lagos.

Em 25 de Abril de 1974, vivia e estudava em Lagos.

DESCRIÇÃO

Código de Referência: PT/ML/AML/C/3/35/000004

Título: Entrevista a António Manuel Rodrigues Castanheira

Data: 27/07/2023

Local: Instalações da Junta de Freguesia de São Gonçalo de Lagos.

Tipo: Entrevista áudio formato M4A

Duração de gravação: 00:39:08

Entrevistador: Museu de Lagos / Patrícia J. Palma

Registo fotográfico: Museu de Lagos / Dora Alves

Transcrição, revisão e edição: Museu de Lagos / Patrícia J. Palma

Texto revisto e validado pelo entrevistado a 23/02/2024.



M L MUSEU
DE LAGOS

Patrícia de Jesus Palma (PJP): Senhor António, muito obrigada pela sua disponibilidade em colaborar com o projeto Memória em Ação, aceitando conversar connosco sobre as suas memórias relativas ao 25 de Abril de 1974. O senhor António vivia em Lagos nesse período?

António Manuel Rodrigues Castanheira (AMRC): Sim, vivia já em Lagos. Eu vim para Lagos, salvo erro, em 1969 ou 1970.

PJP: Que memórias tem da cidade antes da Revolução?

AMRC: É assim: eu, quando vim para Lagos, vim para um colégio, para um externato que havia ali ao pé da igreja de São Sebastião.

PJP: Como é que se chamava? Lembra-se?

AMRC: Externato Gil Eanes. Entrávamos às 9 horas e saíamos por volta das 6 horas e eu morava em São João, ao pé do posto de combustível da Galp e, como eu não conhecia ninguém, fazia o trajeto de escola-casa e só interagia com os amigos da zona. Pouco vinha para a cidade, mas lembro-me, algumas vezes, vinha. A cidade não tinha nada a ver com o que há hoje, não é? Principalmente, as ruas. As ruas eram todas transitáveis por carros e depois ia-se mais para as praias. Levava muito tempo com o pessoal amigo na ribeira [de Bensafrim], à pesca, a apanhar a minhoca para a pesca. Tínhamos, na zona onde agora é o estádio, havia umas salinas e nós fazíamos de uma das salinas um campo de futebol e depois íamos, interagíamos muito com as pessoas do Chinicato, com os miúdos, íamos jogar, aqueles torneios que nós fazíamos, íamos para lá jogar, eles vinham para cá e tudo isso, não é?

Fazíamos o quê? Tínhamos os tais carrinhos de rolamentos. Fazíamos lá de cima, quem vem da 120 para baixo, fazíamos ali. Na altura, poucos carros havia.

PJP: E como era, nessa altura, o ambiente na escola?

AMRC: Para mim, foi muito estranho, porque aquilo era... Os meus pais não quiseram que eu fosse para Portimão. Não conheciam bem e nós tivemos uma vida muito cá e lá. O meu pai era cozinheiro e na altura não se ganhava muito dinheiro e então o meu pai ficou a trabalhar cá e eu fui viver para Vila Praia de Âncora, ao pé de Viana do Castelo. Por isso, quando cheguei cá, a minha mãe quis-me lá pôr, mas o colégio era... Não posso dizer que fosse elitista, mas, pronto, era das famílias de bem.

PJP: Era misto, as aulas eram mistas já então?

AMRC: Já, já eram mistas. Mas como era um bocadinho elitista, eu levei um certo tempo a adaptar-me. Mas, pronto, aquilo correu mais ou menos...

PJP: *E tem, antes do 25 de Abril, memórias de alguns movimentos de resistência, de manifestações?*

AMRC: Não. É assim, eu como andei muito de um lado para o outro, e os meus pais nunca falaram nada da situação, eu nunca me apercebi.

Quando foi do 25 de Abril foi um choque para mim, porque não estava a perceber o que é que se passou.

Mas, a única coisa que eu tive – eu tinha conhecimento de África, da guerra... Depois tive uma altura em que fui afetado um bocado por isso, porque tinha uma prima que era casada com uma pessoa que era piloto de aviões, piloto de caças e ele estava na altura em Moçambique. Já tinha acabado o tempo, na altura estava a fazer o transporte de trabalhadores para a barragem de Cabora Bassa, e foi abatido. Aí, foi um choque muito grande, porque eu estive quase, quase para ir como voluntário, mas sem a noção do que era. Aí, tive um bocadinho da sensação de que havia qualquer coisa que não estava bem, mas, depois foi na altura, se não foi no primeiro ano que eu vim para cá, porque eu ainda estive dois anos que vinha de férias e depois voltava, foi num desses anos, pouco antes de 74. De resto, sempre estive um bocado à parte.

PJP: *Então, como é que viveu esses dias eufóricos?*

AMRC: Foi um bocado estranho para mim, porque eu não me apercebi. Eu vim para o colégio e comecei a notar que parte dos professores estavam diferentes... Deixaram de ser ríspidos.

PJP: *Mudaram de comportamento?*

AMRC: Mudaram de comportamento e depois é que, principalmente em casa, é que me fui apercebendo do que era. Naquela altura, acho que não, não tenho memória de ninguém falar do Partido Comunista. E quanto mais daqueles que apareceram depois? E na escola íamos falando, porque havia muita gente que também estava um bocado à parte e havia outros que eram filhos de pessoas que estavam ligadas um bocado à política, à política não, não se pode dizer política naquela altura, estavam contra. Quanto a mim, não começaram logo a falar muito, porque não sabiam o que é que aquilo ia dar. E então, o que é que acontece? Aquilo houve ali uns tempos em que não percebemos muito bem o que é que se estava a passar.

Quando nós começámos a ouvir, de vez em quando: “– Fulano de tal foi preso!”, “– Mas foi preso porquê?”. Porque fazia parte de qualquer coisa que nós não sabíamos o que era. Por isso, em mim, o 25 de Abril passou-se um bocado assim, nunca fui de ir para algumas manifestações, porque, por exemplo, quando acontecia alguma coisa na cidade, como eu morava em São João, muitas vezes não me apercebia que havia coisa, porque, para mim, o 25 de Abril começou basicamente em 1974, mas, no começo do ano letivo de 1974/1975, porque aí atirei-me de cabeça!

PJP: *Conte-nos lá essa mudança.*

AMRC: O colégio, entretanto, fecha por problemas e por medos que aquilo era um colégio particular e fechou. Nós fomos todos para a Escola Industrial, ali para a Gil Eanes. Eu tinha liceu e eles lá incluíram liceu também. No primeiro dia que fomos para a escola, a primeira coisa que fizemos, eu também não sabia muito bem, estava a inteirar-me daquilo, a primeira coisa fomos para a sala dos professores: “Agora é nossa! Agora é nossa!” E tive a sorte depois de criar amizades lá. Com o decorrer do tempo, fomos tomando por conta da escola, tomando por conta da escola no aspeto de, não revolucionários, mas em termos de influências nas decisões que a escola ia tendo e, então, praticamente estávamos sempre dentro de toda a situação. Dentro da escola nunca houve nada de especial.

Lembro-me que tudo o que acontecia era fora, era na cidade. Lembro-me perfeitamente de uma altura em que nós fomos para a porta do quartel, porque havia duas pessoas que tinham sido detidas e nós fomos todos para a porta do quartel enquanto eles não saíram. E aquelas manifestações que havia ali em frente à Câmara... Tenho fotografias onde eu apareço lá.

PJP: *Não trouxe nenhuma, não?*

AMRC: Não, por acaso não são minhas, mas era interessante.

PJP: *Essas manifestações reivindicando alguma coisa, ou eram manifestações de alegria?*

AMRC: Daquilo que eu me lembro, aquilo era de imposições ideológicas, do Partido Comunista, do Partido Socialista...

PJP: *Que começaram a marcar posição?*

AMRC: Começaram a tentar dizer às pessoas o que é que eram e o que é que não eram. De resto, aqui Lagos, quanto a mim, tirando as coisas que eu não cheguei a ter

conhecimento, ou que eu não vi logo, logo a partir do 25 de Abril de 1974, de resto as coisas foram todas muito, muito normais.

PJP: *Tranquilas?*

AMRC: Tranquilas.

PJP: *Nesse ambiente da escola, que sentimentos, que ideias é que vos moviam nessa percepção de que podiam participar nas decisões da escola?*

AMRC: Aquilo foi: nós fomos tendo a noção da capacidade que nós tínhamos de ir tomando decisões e tomando posição de – como hei-de dizer? – não será de liderança, mas de...

PJP: *De participação?*

AMRC: Sim, de participação, em que nós, mesmo em relação a outros alunos, notávamos que eles nos compreendiam e que as coisas eram assim, tinham que ser assim. Mas nada assim de muito especial.

PJP: *E nas relações com os professores?*

AMRC: Ótimas. Tirando um ou outro que deixou de dar aulas, como aconteceu no externato, de resto, notava-se nalguns, e isso foi por conhecimento de quem estava na escola industrial, porque eu não conhecia os professores da escola industrial, em que eles me diziam: “– Fulano de tal era lixado, era isto, era aquilo e agora é um cordeirinho.” Porque houve casos desses, de professores que alteraram completamente o comportamento.

PJP: *E nesse período de que estava a falar, em que os partidos se deram a conhecer, lembra-se dos locais em Lagos onde se estabeleceram? Como é que foi a adesão das pessoas aos Partidos? Tem lembranças disso?*

AMRC: Poucas, porque nesse ano que estive, nós passávamos as 24 horas, aqueles colegas da escola, praticamente todos juntos. As atividades da escola saíam para fora da escola.

PJP: *E que atividades é que saíam para fora da escola?*

AMRC: Havia quem jogasse futebol, havia quem fizesse atletismo, uma das coisas que eu me lembro e que agora faz-me imensa confusão nos dias de hoje, é que nós sentávamo-nos no café ou na avenida e conversávamos de tudo, desde as matérias que nós íamos para além daquilo que dávamos na escola, conversas também políticas e depois era praia, era discotecas... Andávamos sempre juntos, porque, daquele grupo, 50% estão juntos,

juntos no aspeto de que casaram... Mesmo hoje estamos imenso tempo sem nos ver e é como se fosse ontem.

Nesse aspeto da condução dos partidos, o que é que os partidos faziam? Aí, a minha experiência partidária, eu, para já nunca tive partido, nunca me filiei, mas a minha experiência partidária foi mais quando acabei aqui o liceu e fui e fui para Portimão. Aí, sim! Aí sim! Porque houve uma altura em que me começaram a olhar de lado, porque: “– Quem é ele? Quem é este fulano?” – Porque eu não fazia mais nada, nos meus furos do liceu, entrava na sede do C.D.S., via. No outro dia, ia à do P.C. E eles começaram: “– Aquele fulano está aqui, está acolá...”

PJP: *E ia para tentar perceber a ideologia de cada um, as propostas de cada um?*

AMRC: Ia buscar, ainda tenho, não tenho muito, houve umas coisas que eu perdi, mas ainda tenho lá em casa do M.R.P.P. Tenho o livro vermelho do Mao Tse Tung, que me serviu para o liceu e tinha mais umas quantas coisas que depois acho que me desapareceram. E então, nessa altura, nessa altura, eu tinha que saber, tinha que perceber e depois, em Portimão. Aqui em Lagos acho que nunca, acho que aconteceu uma vez, foi. Em Portimão foi as RGA [*Reunião Geral de Alunos*] e RGE [*Reunião Geral de Estudantes*], que era aquelas reuniões de alunos, umas vezes correram bem, outras vezes acabaram à pancada e era assim.

PJP: *Isso foi em que anos, em que está em Portimão?*

AMRC: Aqui em Lagos foi, no colégio, foi 1973-1974, o ano letivo, que coincidiu com o 25 de Abril. Na escola industrial foi 1974-1975 e depois é que fui para Portimão.

PJP: *E lá, esteve quanto tempo a estudar?*

AMRC: Lá estive dois anos. Aqui funcionava até ao 5.º ano do liceu e lá era do 6.º ao 7.º

PJP: *Tínham de ir para Portimão...*

AMRC: Tínhamos de ir para Portimão e depois conversávamos muito, íamos quase todos de comboio e conversava-se bastante. Por isso, eu digo: o meu 25 de Abril foi um bocado estranho em relação aos outros. Principalmente, eu tinha colegas em que os pais foram participativos anteriormente ao 25 de Abril. E esses, logo de início, também não contavam nada. A partir do momento em que nós tivemos conhecimentos de algumas pessoas cá de Lagos que iam sendo presas: “– Então, mas foi preso porquê?”; “– Porque era delator, era daqueles que trabalhava para o regime.” E nós íamos sabendo: “– O fulano de tal foi preso. Então?”; “– Então, não sabias que fazia parte da PIDE? Era delator.” Aí, começámos a perceber os tentáculos das coisas.

PJP: *No fundo, podemos dizer que o 25 de Abril acabou por ser o despertar para o mundo político?*

AMRC: Sim, principalmente, para quem nunca teve nenhuma, em casa, nunca teve nada ou ninguém que falasse sobre esse tema.

PJP: *Foi a partir daí que começou a efervescência?*

AMRC: Por exemplo, quando eu estava lá em cima em Praia de Âncora, também em casa, nos vizinhos, não se falava nada.

PJP: *Depois, em casa, sentiu também essa mudança?*

AMRC: Não. Continuaram como se nada tivesse acontecido. Quer dizendo, iam dizendo alguma coisas, mas via-se também que da parte dos meus pais não havia também aquele conhecimento profundo das coisas. Como nunca sofreram por causa disso, possivelmente, nunca se interessaram.

PJP: *Foram mantendo a discrição. Esse período que nos esteve a descrever, entre 1974 e 1976, é o período em que as várias instalações dos Partidos se vão instalando até às primeiras eleições democráticas. Participou nessas eleições como eleitor? São as suas primeiras eleições?*

AMRC: Sim, são as minhas primeiras eleições. Foram na rodoviária.

PJP: *E era já rodoviária nessa altura, ou outro edifício, outra instalação que lá existia?*

AMRC: Era rodoviária já, acho eu. Olhe, sinceramente, agora está a fazer-me a pergunta e eu estou... Não, não foi na rodoviária, já foi no mercado do Levante, salvo erro. Acho que foi já no mercado do Levante. Mas aquilo foi assim uma coisa surreal! Foi mesmo surreal!

PJP: *Então?*

AMRC: Porque toda a gente foi votar. Eu acho que a votação cá em Lagos deve ter tido, sei lá, 95% ou uma coisa assim, e foi uma coisa!... Toda a gente aparecia. E depois não era só isso, o que era engraçado é que as pessoas votavam, levavam imenso tempo a votar, mas depois não se iam embora, ficavam na rua.

PJP: *A viver aquele momento?*

AMRC: Sim, exatamente. E, na altura, já não me lembro bem, não, na altura ainda não estava no Grupo Coral. Mas essa também foi uma engraçada, porque era numa altura em que se podiam colar cartazes nas paredes e nós, quando tínhamos os concertos e os

festivais também colávamos, e então era uma luta para arranjar um bocadinho. Mas aí foi, nessa altura, estava tudo tapado com cartazes.

PJP: *Da propaganda política?*

AMRC: Exatamente. Principalmente, aí em 1975, que foi as eleições, não foi?

PJP: *Em 25/04/1975 para a Assembleia Constituinte. As paredes falavam?*

AMRC: Ah, sim! Nós sabíamos de tudo só pelo que estava na parede. Era uma coisa impressionante. E depois havia sempre quem estivesse na rua: “– Vá, toma lá isto, lê aquilo!” Havia muita propaganda escrita.

PJP: *E nesse dia das eleições qual era o ambiente que se vivia, que se sentia nas eleições?*

AMRC: Eu vi pessoas que acho que não sabiam bem o que iam fazer. Mas, a grande maioria era uma euforia! Hoje, se tivermos 5 minutos numa fila para fazer qualquer coisa... Aquilo para votar nós levávamos 2, 3 horas, porque as eleições foram todas no mesmo sítio, só mais tarde é que começaram a separar-se um bocado. Eu, como morava em São Sebastião, – Santa Maria votou à parte –, essa eu não cheguei a ir lá, mas em São Sebastião, que é a maioria do território do concelho, caiu lá todo. E depois havia uma coisa engraçada, que era aquela luta dos partidos, cá fora, a ver se havia alguém antes de as pessoas irem votar a tentar puxar...

PJP: *A influenciar até ao último minuto?*

AMRC: A influenciar. Nunca mais me esqueço, eu comecei, faço parte das mesas eleitorais, sei lá, já não me lembro, desde as terceiras eleições que eu comecei a fazer parte das mesas eleitorais, mesmo mais para a frente, assistia a coisas incríveis de as pessoas quererem votar e não saberem em que é que votaram. Uma vez, na minha mesa, houve uma pessoa que pegou no boletim de voto e foi-se embora. Eu fui atrás dela: “– Então, a senhora não pode ir embora, tem de votar.” “– Ah, mas eu ia perguntar à minha filha em que é que voto.” Coisas assim. Pessoas, nessa altura, como eu fui votar não me apercebi muito bem, mas havia muita gente que levava muito tempo a votar, porque não sabia. Havia muita gente que não sabia ler e, às vezes, pediam-me: “– Diga-me lá onde é que está aqui o partido tal!” Havia muito isso, mas aquilo era uma festa autêntica!

PJP: *Depois das eleições, há uma grande mobilização social, cívica, surgem muitas comissões, sociedades.*

AMRC: Sim, principalmente as sociedades, acho que tiveram um incremento, mas nunca notei muito um incremento político. Era mais...

PJP: *Político, quer dizer partidário?*

AMRC: Partidário, eu acho que as pessoas começaram a pensar: “– É assim, já não podemos ter medo de nada! Já posso ir para ali ou para ali.” Por exemplo, cá em Lagos, havia duas, havia mais que duas, mas havia duas sociedades que se rivalizavam, que era dos artistas, que era do pessoal trabalhador, e havia a sociedade dos ricos, que é agora onde está o Centro Cultural. Esse acabou logo, esse nunca me lembro de haver qualquer coisa assim lá e havia um cá mais assim... Mas, as pessoas começaram a aderir muito mais ao...

PJP: *Movimento associativo.*

AMRC: É, sim. Várias coisas, eu, por exemplo, tínhamos uma associação, que ainda existe hoje, de espeleologia.

PJP: *Foi criada nessa altura?*

AMRC: Nessa altura. A única ligação “partidária” que eu tive foi que eu fiz parte da criação, do G.D.A.L. – Grupo Desportivo Amador de Lagos, foi fundado na rua dos Camachinhos, maioritariamente pelo P.C., que, depois, quando passámos para as antigas instalações da Mocidade Portuguesa...

PJP: *Que eram onde?*

AMRC: É onde é agora, na rua Lançarote de Freitas, a Pousada da Juventude, era ali que era a antiga Mocidade Portuguesa. Entretanto, foi logo a seguir, fechou o Corpo Nacional de Escutas também, que funcionava na igreja das Freiras e depois nós fundámos o G.D.A.L., fomos para lá, onde eram as instalações da Mocidade Portuguesa e eu, passados 2 ou 3 meses vim-me embora, porque era tudo partidário!

PJP: *E que tipo de atividades é que desenvolviam?*

AMRC: Era futebol, naquela altura, era futebol. Eu não gostei. Até hoje nunca me filiei em nenhum lado, porque eu acho que, a minha teoria é assim: eu gosto de coisas do partido A, B, ou C, mas, não gosto de tudo. Eu não posso, naquela altura, eu não posso apoiar ninguém se estiver contra. E, então, a minha posição sempre foi essa até hoje. Por exemplo, eu estou a fazer oito anos de mandato na Assembleia [na Junta de Freguesia de São Gonçalo], tirando os outros que já tive para trás. Os primeiros quatro anos fui convidado pelo P.S.D., estive com o P.S.D. Depois, o P.S. convidou-me. Convidaram-me

os dois e eu optei por aquilo que me apresentaram, eu optei. Eu sou assim, não me venham dizer que eu sou isto, ou sou aquilo. Não sou. Eu sou o que quero ser naquela altura e em que acredito. E é assim. Sempre foi assim.

PJP: *Essa foi também uma liberdade que se ganhou.*

AMRC: Exatamente. E até hoje nunca ninguém me fez frente ou criticou por eu ser assim. As pessoas começaram a aceitar-se como elas são. Naquela altura, era um bocado estranho, às vezes, dizíamos alguma coisa, mas estávamos a olhar para trás. O que será que acontece?...

PJP: *Numa retrospectiva, como é que se vê, em termos de contributo pessoal, para esta sociedade nova que foi construída a partir do 25 de Abril, que, no caso do António, também o despertou para a política?*

AMRC: Para já, abriu-me os olhos para muita coisa. Depois, sempre fui uma pessoa que canalizou as coisas não para os partidos, mas para o associativismo, porque eu participei até hoje, já participei em muitas coisas. Nesse grupo de Espeleologia estive 15 anos, no Grupo Coral ajudei a organizar os cursos de férias musicais em Lagos durante uma data de anos, estive ligado ao G.D.A.L. Nesse apeto sempre fui colaborando com este e com aquele, principalmente, canalizei aquilo que nós ganhámos no 25 de Abril para o associativismo e a partir daí, não me lembro. Só vendo no livrinho que eles têm aí, que eu não me lembro, a nível de juntas de freguesia tenho participado quase sempre na Assembleia. Nestas últimas eleições, vieram convidar-me para o P.S.D., para ir para a Câmara, para a Assembleia. Eu disse que não, fico por aqui. Junta de Freguesia, não quero mais, mais não, porque, para já, é a tal coisa: aqui não é tão politizado como na Câmara e eu...

PJP: *Sente que está mais próximo das pessoas na junta do que na Câmara, ou não essa diferença?*

AMRC: Eu acho que na Câmara a Assembleia é mais politizada. Aqui, aqui também é, mas é mais *soft*... Porque, para já, a Assembleia não é um órgão deliberativo e é muito mais social, um bocado mais social. Os consensos são mais fáceis de conseguir.

PJP: *Para terminarmos, queria perguntar-lhe se tem documentos dessa época, diários, cartazes... Há pouco falava nos cartazes, fotografias, jornais dessa época?*

AMRC: Não. Fotografias tenho, mas até não são minhas. Mas, possivelmente essas fotografias vão aparecer. Mas, o que é que eu tenho? Sou capaz, mas isso é mais para a

frente... Acho que ainda tenho autocolantes com alguns candidatos, acho que tenho, não faço ideia. Se quiser uma cópia dos estatutos do M.R.P.P., também arranjo.

PJP: *Sim, fica o convite, o desafio para ver o que tem que possa partilhar connosco para registarmos.*

PJP: *Quer acrescentar alguma coisa que não tenhamos falado?*

AMRC: Em princípio não. É engraçado porque nunca tinha falado assim deste período. Quer dizer falava um bocadinho: “– Não te lembras daquilo, naquela altura?” Mas, assim, de seguida, não. E a única pena que eu tenho foi mesmo de eu, para trás, não ter sido desperto para a situação, porque se eu tivesse sido desperto, aí, teria tido outra atitude.

PJP: *Senhor António, muito obrigada pelo seu testemunho.*

AMRC: De nada. Obrigado.

Referência para citação: MUSEU DE LAGOS / PALMA, Patrícia de Jesus – *Entrevista a António Manuel Rodrigues Castanheira*. 2023-07-27. 10 p. Acessível, com a ref.^a PT/ML/AML/C/3/35/000004, em <https://abrir.link/KbDjr>.